

## **Especialistas Psi em Ação: Distribuição de *Expertises* num *Reality Show***

Psi Experts in Action: Expertise Distribution in a Reality Show

Expertos Psi en la Acción: La Distribución de la Expertise en un Reality Show

**Cristiane Moreira da Silva**

Universidade Federal Fluminense, Niteroi, RJ, Brasil.

**Marcia Moraes**

Universidade Federal Fluminense, Niteroi, RJ, Brasil.

---

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é discutir a articulação entre as práticas dos especialistas psis e as modulações da intimidade a partir da sua exposição na mídia através do *blog* de um programa de televisão, no formato de *reality show*. Foram analisados comentários dos seguidores do *blog* e cinco entrevistas semi-estruturadas com participantes do programa. Inspiradas em autores como Latour (2008) e Despret (2011), as pesquisadoras problematizam a distribuição da *expertise* a partir do *reality show*. Os resultados indicam que a distribuição da *expertise* ativa a todos que se articulam no dispositivo produzindo modos de subjetivar psicologizados.

**Palavras-chave:** Intimidade; Especialistas psi; Psicologia

### **Abstract**

This paper aims to discuss the relationship between practices of psi experts and modulations of intimacy based on its exposure on a technological apparatus, a television, through a reality show TV program. Inspired by authors like Latour (2008) and Despret (2011), the researchers put in question the distribution of expertise in the reality show. Five non-structured interviews were conducted with people involved in the TV show. The results indicate that the distribution of expertise enables people who are articulated in the reality show enacting psychologized subjectivities.

**Keywords:** Intimacy; Psi experts; Psychology.

### **Resumen**

El propósito de este artículo es analizar la relación entre las prácticas de los expertos psis y las modulaciones de la intimidad desde su exposición en los medios de comunicación a través del *blog* del un programa de televisión, en el formato de *reality show*. Se analizaron los comentarios de los seguidores del *blog* y cinco entrevistas semi-estructuradas con los participantes

del programa. Inspirados por autores como Latour (2008) y Despret (2011), los investigadores cuestionan la distribución de la expertise desde el reality show. Los resultados indican que la distribución de la expertise activa a todos los que se articulan en el dispositivo siendo productor de modos de subjectivar psicologizados.

**Palabras clave:** Intimidad, Expertos psi; Psicología

---

## Introdução

O artigo que ora se apresenta é fruto de nossa inquietação e curiosidade com as diversas formas de atuação de especialistas, em particular, os com formação psi, em programas de televisão com formatos de *reality shows* e sessões em mídia impressa de grande circulação abertas para depoimentos íntimos de leitores. Tais veículos associam ao seu conteúdo *sites* que permitem maior interação do público através de relatos pessoais, envio de fotografias e vídeos. Temos observado um exponencial crescimento da exposição da intimidade nesses veículos tendo como mais uma atração os pareceres de “especialistas” que ensinam formas de viver, vestir, sentir, educar, comer ou se relacionar.

Movidas inicialmente pela curiosidade, nos interrogávamos sobre qual seria o papel do especialista psi como mediador ou orientador nessa exposição da intimidade. Que efeitos seriam produzidos com as intervenções do profissional psi nestes dispositivos? Não estariam estes profissionais

produzindo regras e códigos, por vezes, morais, sobre o bem viver? E que efeitos tais intervenções produziriam sobre as pessoas que lhes serviam de alvos, isto é, aquelas pessoas que dão visibilidade para sua intimidade exibindo suas vidas, seus dilemas e sofrimentos em diferentes mídias? Enfim, o que nos interessava compreender era como se articulavam os saberes especializados, ou as *expertises*, nesses espaços. Partindo destas inquietações iniciais, elaboramos um projeto de pesquisa que visava justamente investigar o papel dos especialistas psi num programa de televisão no formato de *reality show* que permitia a participação ativa dos telespectadores através do blog<sup>1</sup> do programa. Mas isso não era tudo. Também nos interessava compreender de que modo tais práticas psis articulavam-se com as modulações da intimidade, expostas ao público.

Sem dúvida, na atualidade, há algumas pesquisas que delimitam o vasto tema da exposição da intimidade a partir de novos modos de comunicação, como a internet, as redes sociais, programas de televisão, entre outros. Bruno (2004, 2008, 2009) proble-

matiza a noção de subjetividade privatizada a partir dos dispositivos contemporâneos de visibilidade. Para a autora, tais dispositivos engendram uma subjetividade exteriorizada que encontra na exposição pública, ao alcance do olhar do outro, o domínio privilegiado de controle e cuidados sobre si. O que nos parece relevante na argumentação da autora é a afirmação de que, nestes fenômenos de exposição da intimidade, não está em jogo a exteriorização de uma interioridade já dada. Antes, o que está em jogo é a constituição de uma subjetividade que se produz na própria exterioridade, no ato mesmo de se tornar visível. É por este viés que a autora indica que os *reality shows*, assim como os *weblogs*, as *webcams*, apresentam-se como dispositivos de produção da intimidade.

Sibilia (2003, 2004, 2008) investiga a espetacularização do eu, destacando a modificação da intimidade que se faz presente com este acontecimento. Diferentemente de uma certa concepção de intimidade, que vigorou nos séculos XIX e boa parte do XX, que devia ser protegida pela moral burguesa, pelas grossas paredes das casas, a intimidade no século XXI é espetacularizada, isto é, apresenta-se nos moldes de um show do eu, público, visível aos olhos de todos.

A partir de tais questões, delimitamos o objetivo deste artigo: discutir a articulação entre as práticas dos especialistas psis e as modulações da intimidade a par-

tir da sua exposição no *blog* de um programa de televisão. Partindo das concepções de Bruno Latour (2008), segundo as quais o coletivo constituído por humanos e não-humanos se dá numa relação de emergência mútua, discutimos como o aparato tecnológico que propicia a exposição da intimidade atua na produção de subjetividade contemporânea, buscando pensar de que forma a atualidade incita esse desejo de exposição e de consumo de intimidade e como produz a necessidade de ingerência sobre a vida. Dentro desse questionamento, buscamos analisar a atuação dos profissionais psis ocupando o lugar dos que podem ensinar a viver, gerindo vidas tornadas públicas e legitimando a necessidade de especialistas para orientar questões do cotidiano.

Para a realização desta pesquisa, seguimos duas inspirações metodológicas: de um lado, as contribuições de Bruno Latour (2008) e da teoria ator-rede, de outro lado, seguindo algumas pistas abertas pela filósofa e psicóloga belga Vinciane Despret (2011).

Em publicação recente, Latour (2008) problematiza o termo “social” ao sublinhar que o social não é a matéria de que alguma coisa é feita, nem tampouco algum atributo que qualificaria alguma coisa já dada. O social não é, para Latour (2008), uma coisa entre outras coisas, mas sim um tipo de relação entre coisas heterogêneas,

elas mesmas não sociais. Assim, o autor propõe que social seja tomado pelos pesquisadores em seu sentido etimológico de associar, agenciar, ligar. Por esta via, cabe às ciências sociais investigar os modos como o social é feito, associado em diversas práticas cotidianas, aí incluídas, sem dúvida, as práticas científicas. A tarefa primordial das ciências sociais é rastrear as associações, seguir seus arranjos bem como os efeitos que tais associações engendram. Em nossa pesquisa, procuramos seguir e descrever as associações entre certas práticas psis, as modulações da intimidade e os efeitos no público que acompanha essa exposição. Como estes actantes<sup>2</sup> se reúnem? O que os mantém associados? De que modo as *expertises*, os saberes, se distribuem neste coletivo? São estas as perguntas que orientarão nossas argumentações.

Seguindo Vinciane Despret (2011), o que nos interessa investigar é o modo como a *expertise* é distribuída no dispositivo<sup>3</sup> cujo formato é o de um *reality show* que conecta televisão e internet com participantes do programa e telespectadores. Se nos interessamos pela questão da *expertise* é porque aprendemos com Despret (2011) que é possível criar dispositivos de interpelação ao outro bastante distintos quanto a este ponto. Em outras palavras, a autora analisa, por exemplo, alguns dispositivos de pesquisa experimental em psicologia para sinalizar

que o aparato investigativo é construído de modo a colocar o sujeito, isto é, aquele que é o alvo da investigação, no lugar de objeto, um lugar passivo e destituído de *expertise*. Esta ao contrário, é condensada no polo do pesquisador: é ele quem sabe dos objetivos da pesquisa, ele quem formula as questões e faz as análises. No entanto, em suas análises dos dispositivos de pesquisa experimental em psicologia, Despret (2011) sinaliza que participar de uma pesquisa, aceitar responder perguntas, preencher formulários, é, antes de tudo, um acordo, um pacto que se estabelece com o outro. Há neste engajamento uma abertura ao outro, ignorada no modelo tradicional de fazer pesquisa. E se elaborássemos dispositivos de pesquisa que de fato, interpelassem o outro como co-autores, como sujeitos *experts*? Não seriam outras as versões de mundo produzidas pelas pesquisas em psicologia? Despret (2011) nos convida a colocar nestes termos nosso campo de investigação, a buscar compreender de que modo o saber psi se engata e se distribui num certo dispositivo midiático.

O dispositivo escolhido para esta pesquisa foi um blog de um programa de TV<sup>4</sup> exibido em 2009 por uma grande rede de televisão brasileira que tinha como finalidade analisar e debater temas considerados femininos. O programa ofereceu a possibilidade de mulheres enviarem por e-mail relatos de questões consideradas femininas, como fi-

lhos, corpo e relacionamento afetivo, oferecendo ajuda para solucioná-los. As mulheres selecionadas tiveram suas vidas acompanhadas e monitoradas por câmeras e profissionais em suas residências. Assinaram contrato autorizando a exibição de todo material do programa mas não recebiam qualquer remuneração por isso, a contrapartida era o auxílio recebido. Outro grupo foi selecionado para participar do programa, mulheres diferentes que estivessem dispostas a assistir o material gravado, discutir e propor soluções. Essas mulheres foram indicadas por profissionais envolvidos na produção do programa e selecionadas através de entrevistas e desempenho em vídeos, foram contratadas e remuneradas pela participação. A jornalista e idealizadora do programa, dele participou como mediadora. Completando o grupo uma especialista, contratada e remunerada, atuava como orientadora nas discussões.

O material gravado era assistido por estas mulheres que ficavam sentadas em semi-círculo, diante de uma enorme tela de televisão onde eram exibidas as gravações dos casos. Em cada reunião assistiam e discutiam um caso durante horas, com aparência de conversa informal, sendo gravadas por todo tempo. Este encontro era editado e exibido em poucos minutos na televisão. Os vídeos exibidos e outros selecionados ficavam disponíveis no *blog*.

Para a realização desta pesquisa, colhemos dados através de relatos e comentários inseridos no *blog* do programa, entrevistas semi-estruturadas<sup>5</sup> com cinco pessoas que participaram do programa, das quais, duas mulheres pedindo auxílio, as duas especialistas e uma mulher não especialista.

Localizando o global: grupo ajuda a resolver problemas da mulher moderna<sup>6</sup>

No site do programa de televisão, encontramos a divulgação de um novo quadro:

No mundo feminino, existem problemas que só outra mulher consegue entender. Por isso, queremos saber: qual o seu dilema feminino? Baixa auto-estima? Dúvidas na educação dos filhos? Dificuldade na convivência com a sogra? Ciúmes demais do namorado ou marido? Está dividida entre se dedicar ao casamento ou à sua carreira? Ou o problema é a bagunça da sua casa? Até a sua vida sexual, se você quiser, a gente põe na roda! Afinal, adoramos dar palpite na vida alheia... Escreva pra gente contando o seu dilema. Quem sabe não conseguimos resolvê-lo? (*Blog* do programa de televisão, acessado em 2009).

O programa era um *reality show* que propunha que um grupo de mulheres – que formariam um “clube de mulheres” - orientadas por uma profissional psicanalista observasse a rotina das participantes através de imagens de câmeras instaladas em suas residências e uma equipe de filmagem que acompanha a rotina também fora de suas

casas durante três semanas seguidas, 18 horas por dia, com o objetivo de ajudar na solução do que chamaram “um dilema feminino”, que deve ser apresentado no momento da inscrição por e-mail. Somente mulheres podiam participar do quadro.

Os telespectadores podiam interagir com as participantes através do *blog* do programa. No *blog* estavam disponíveis os vídeos exibidos na televisão e outros gravados na casa da participante ou nas discussões em estúdio, textos de profissionais sobre as questões tratadas em cada caso, relatos das participantes sobre a experiência no programa e espaço para enviar dúvidas e comentários.

A estreia do quadro com o caso de Roselene, que será descrito neste texto, teve grande repercussão e vários comentários foram deixados no *blog* do programa. Escolhemos relatar e discutir este caso justamente porque era o que havia provocado maior número de comentários no blog do programa.

Apresentamos as figuras que fizeram parte do programa, seguindo as categorias criadas pelas próprias participantes para diferenciá-las:

1 – Personagens<sup>7</sup>: mulheres que escreveram para o programa contando suas dificuldades e solicitando ajuda dos especialistas. Foram selecionadas para receber a equipe do programa em suas residências para as gravações e entrevistas que seriam

assistidas pelas outras mulheres. Havia 5 mulheres nesta categoria. Neste artigo, relatamos um dos casos, o de Roselene, com quem também fizemos entrevistas semi-estruturadas. Além de Roselene, entrevistamos Carmen, outra personagem.

2 – Palpiteiras: quatro mulheres, não especialistas, que assistiam as imagens editadas, discutiam os casos e propunham soluções. No decorrer deste texto, chamaremos este grupo de mulheres de palpiteiras destacando que este foi o termo utilizado pelas especialistas durante as entrevistas que realizamos. As entrevistadas mencionam que usam o termo para diferenciar as funções e intervenções destas mulheres, não especialistas, das ações das especialistas (com formação profissional). Vale destacar que este termo não é utilizado no programa ou no *blog*, entre os telespectadores ou nas demais entrevistas. As palpiteiras não tiveram que se inscrever para participarem do programa, foram selecionadas pela produção do programa. Todas foram contratadas com remuneração. Havia quatro palpiteiras no programa, das quais entrevistamos uma, Sabrina.

3 – Especialistas: profissionais convidadas para garantir a assertividade das orientações fornecidas pelas palpiteiras. Marta, psicóloga e psicanalista com intensa participação em programas de televisão e consultora em revistas para o público fe-

minino. Após discordar das edições indicou uma substituta, Sonia, médica psiquiatra e também psicanalista, diretora de um grupo tradicional de estudos psicanalíticos. A especialista não propunha intervenções e sim aprovava ou não as sugestões das palpiteiras. Eram contratadas com remuneração. Marta e Sônia foram entrevistadas no curso de nossa pesquisa.

4 – Mediadora: a produtora e idealizadora do programa, Fátima. Direciona as falas, apresenta o quadro e determina o momento de exibição das imagens, discussões e intervenções.

5 – Gasparzinhos: assim foram chamados os profissionais responsáveis por registrar as imagens, o som e fiscalizar o cumprimento do contrato.

6 – Caderno: o jornalista que acompanha a equipe de gravação anota em um caderno pontos para destacar no dia e perguntas que possam esclarecer o que considerar relevante. Ao final do dia acontece o que chamam de confessionário: a personagem é chamada para responder perguntas anotadas ou esclarecer situação ocorridas.

7 – Contrato: as especialistas, personagens e palpiteiras assinaram um contrato, com validade durante a exibição do quadro e seis meses após, que determinava exclusividade de imagem nesse período para a emissora de televisão contratante, exigia a disponibilidade para comparecer na emis-

sora em qualquer horário, caso chamada, o que implicava não sair da cidade durante a vigência do contrato. O contrato das personagens as impedia de desligar os microfones ou câmeras, independente da justificativa, durante as gravações e exigia que ignorassem a presença das câmeras e da equipe. Ambas as especificações se tornaram problemas para as personagens.

8 – *Blog*: no site do programa são colocados resumos das exibições, comentários das palpiteiras e especialistas dando orientações gerais de como fazer maquiagem ou incentivar os filhos a estudarem, por exemplo. Há pesquisas de opinião sobre questões discutidas nos casos com os telespectadores. Os especialistas respondem perguntas enviadas pelos telespectadores e entrevistas com a produção sobre transtornos emocionais e dificuldades em relacionamentos e indicam serviços para tratamento psicológico. Há, ainda, os vídeos das exibições e outros mais polêmicos, como brigas e entrevistas com os personagens, que não foram exibidos (segundo informações no *blog*, por falta de tempo). Há espaço para comentários dos que acompanham o *blog*, mas estes passam pela censura de um mediador. As informações para esta pesquisa foram obtidas no *blog*.

Marta (psicóloga e psicanalista) participou da seleção para as palpiteiras, e afirma que o perfil dessas mulheres estava pre-

viamente determinado, a fim de promover a identificação do público com elas. Comenta:

Tem uma criatura, que era a chata, a mais durona na avaliação. Tem a princesa que é uma gracinha, que era a grávida, que se emocionava e chorava e tal. Tem a outra mais calada. Como você tem em outros programas de debate né. Tem o sujeito que é o líder, o outro que é mais palhaço... Fora o fato de uma ser gorda, a outra loira, a outra uma mulher de meia idade que largou tudo para cuidar da família e depois voltou a estudar. Não tem nada por acaso. Tudo é pensado (Marta, em entrevista às pesquisadoras, 2009).

Em entrevista com às pesquisadoras, através de um programa de comunicação instantânea na internet, a personagem Rose-lene relatou que Sabrina foi quem mais entendeu suas questões, que vivia os mesmos problemas e é a única que respondeu seus e-mails e que mantém contato telefônico com ela. Marta (em entrevista às pesquisadoras, 2009) diz que “Sabrina é a figura com mais carisma né, que o público iria se identificar. Fato! E olha que interessante: na dinâmica com as meninas até hoje é quem agrega. Quem manda os e-mails”.

Segundo Marta (Entrevista às pesquisadoras, 2009), a ideia inicial era que diferentes especialistas participassem das discussões mas, como o orçamento do programa não permitia tal despesa, optou-se

por manter apenas a participação de uma psicanalista por quadro, por entenderem que este “era necessário para tratar as questões emocionais da equipe, analisar os casos e direcionar as intervenções”. Diz que palpiteiras e especialistas são contratadas com remuneração pela emissora de televisão durante o programa e até seis meses após sua exibição, garantindo exclusividade de imagem e total disponibilidade para atender ao chamado da emissora ficando, ainda, condicionadas a não viajarem durante a vigência do contrato. O mesmo não acontece com as personagens. Estas não recebem qualquer auxílio financeiro pela participação no programa e o que recebem de orientação e acompanhamento profissional é suspenso quando o caso deixa de ser exibido na televisão.

Marta conta que durante as gravações, ocorreram discussões sérias tanto entre pessoas da equipe como entre personagens e equipe, enfatizando a ingenuidade da produção por não prever e evitar conflitos entre os diferentes participantes, o que atribui à ausência de um profissional especialista para se ocupar disto. Diz que quando recebeu o convite para participar, a estrutura do programa já estava definida.

A equipe que se instalou nas residências das personagens registrava as imagens em esquema de revezamento, pelo menos 18 horas do dia a dia de cada famí-

lia. Para definirem o que destacar em cada caso, além do motivo pelo qual fora solicitado auxílio na inscrição, essa equipe gravou entrevistas com todos os membros da família e usou dados de testes psicológicos aplicados pelos responsáveis pela seleção – informação que consta no *blog* do programa e confirmada por duas entrevistadas, mas esta etapa não ficou muito clara para nós, já que Marta afirma não ter acontecido a participação de especialistas no processo de seleção.

#### Personagem Roselene

O sonho de Roselene era voltar a vestir manequim 42. Ela guardava as roupas que usava antes do nascimento da filha Renata, de um ano e seis meses, e se sentia mal cada vez que tirava uma saia do armário. Ela chegou a vestir tamanho 46. (Informação disponível no *blog* do programa)

A cena se inicia com a apresentação das participantes, que estão sentadas em um sofá em semicírculo, voltadas para uma grande televisão na qual é exibida a primeira personagem a ser ajudada, contando o que escreveu no e-mail para a seleção e passando imagens de sua residência e sua vida cotidiana. Roselene começa contando que engordou depois do nascimento de sua filha, que se sente feia e sofre com isso. Mostra roupas que vestia antes de engordar. Exibe a filha e mostra a casa, não exatamente

pobre, mas sem luxo aparente. Em seguida aparece o marido, falando que não percebe tanta mudança no corpo da esposa, mas que entende que ela tenha vergonha do próprio corpo e respeita esse sentimento. Após a exibição das imagens, a câmera volta para o cenário do programa de TV, e as mulheres começam a discutir sobre preocupação com o corpo, contando suas experiências pessoais com as transformações do corpo durante a gestação. Novamente o cenário passa a ser a casa de Roselene, exibem-se cenas do cotidiano como a arrumação da casa, o marido dormindo e descrevem o cotidiano de Roselene. Após o almoço, Roselene encontra dificuldade para escolher o que vestir por acreditar que nada lhe cai bem. Mostra que não sai de casa sem usar uma cinta abdominal, e que precisa da ajuda do marido para conseguir vesti-la. Voltam as imagens do cenário do programa e a discussão sobre o corpo. A psicanalista inicia um discurso sobre o corpo feminino, historicamente reprimido sob roupas apertadas e espartilhos. Falam sobre como a família de Roselene subverte a ordem das coisas, ao sentarem no chão para comer e escutarem música alta, afirmando que isso mostra a intolerância com a rotina. Voltam às imagens de Roselene, mas desta vez saindo de sua residência e seguindo de ônibus e trem para a faculdade de enfermagem. Mostram a sala durante uma aula, com o professor falando e os

alunos sentados em suas carteiras, ouvindo o que o mestre diz. A presença das câmeras parece ignorada, algo que na entrevista que fizemos com Roselene fica claro que não é. Ela diz que levou “muitas broncas por interagir com a equipe durante todo o período de gravações” (Roselene, em entrevista às pesquisadoras, 2009).

Uma análise dos hábitos alimentares de Roselene, feita pelas palpiteiras, constata que em cinco horas ela abriu a geladeira doze vezes. Volta ao cenário, e o discurso psicanalítico aparece bem forte, mas não por parte da especialista Sonia: são as palpiteiras que avaliam os hábitos alimentares como “culpa, boicote, punição”.

Volta ao cotidiano do casal, agora passeando num shopping, e outra discussão iniciada pelo fato de o marido olhar para uma vitrine de alianças. Os dois não são oficialmente casados e isso incomoda Roselene, que quer o casamento mas João não quer. Ele diz que já é casado e que a aliança não muda nada. Começa a exibição de fotos do casal e Fátima narrando como se conheceram num site de relacionamentos e como foram morar juntos na casa dos pais dela até que Roselene descobriu uma traição e se separaram. Nesse período, Roselene sabe que está grávida e João decide que eles devem reatar o relacionamento até que, após seis meses, João, que tinha sido casado, decide voltar a morar com a família anterior. Rose-

lene conta sobre seu sofrimento, e João sobre a “necessidade de procurar uma mulher fora quando falta em casa”. Voltam ao cenário e novamente um diagnóstico é emitido por uma das palpiteiras:

a auto-estima baixa está ligada ao fato de que se ele traiu pode trair de novo e dele não ter casado com ela, mesmo ela dizendo que quer uma aliança. O tratamento agressivo dos dois é uma forma de punição pela traição. Ela quer sempre lembrá-lo da traição e pensa que deve cobrar por tê-lo aceitado de volta mesmo assim. (Trecho retirado do programa de TV, disponível no blog, acessado em 2009).

Mas, de novo, essas falas não têm a participação da especialista. O discurso psicologizante parece estar presente em todas as palpiteiras. Será que estar naquele espaço, que se propõe a analisar vidas e ensinar a viver, faz com que essas mulheres assumam uma postura já esperada, de quem acredita ter esse papel: o especialista? As interpretações do comportamento, a identificação de causas para o sofrimento e as afirmações de como Roselene se sente ou mesmo pensa, sem que esta tenha dito qualquer coisa, não é o que se espera de um especialista psi? Podemos pensar como mais uma evidência do processo de medicalização da vida<sup>8</sup> se espalhando no cotidiano. Todo comportamento parece ter uma explicação científica/médica

e esta é dominada também por quem não é especialista na área.

De volta ao programa, mais cotidiano: o casal encomenda o jantar por telefone e, ao terminarem, João revela que Roselene, após a ingestão de grande quantidade de alimento, provoca vômito. Nesse momento, ela se aborrece com a exposição. Na entrevista posterior ao acontecimento, Roselene conta que nem seus amigos nem seus familiares conheciam o seu problema alimentar e que não tinha a intenção de divulgá-lo. Tinha receio de críticas de outras pessoas, o que de fato aconteceu. Roselene desligou os microfones quando ela e o marido começaram a brigar mas a equipe de filmagem interveio exigindo que o ligasse novamente, pois isso constava no contrato.

Segundo Marta, esse foi um impasse da produção. Ao ser selecionada para o programa, Roselene não contou sobre a bulimia, e muito se discutiu sobre não exibirem seu caso. Marta (em entrevista às pesquisadoras, 2009) diz ter defendido a exibição deste caso por acreditar que “este é o tipo de caso que pode ajudar a população, levar conhecimento. As pessoas descubram o que é bulimia e os locais para tratamento são divulgados. Depois desse caso a procura nas clínicas sociais aumentou muito”.

Voltando ao cenário, Fátima solicita a intervenção de Marta, que sugere o encaminhamento de Roselene para um “especia-

lista em Transtornos Alimentares para uma investigação mais apurada”, por considerar que esse seria o “procedimento mais responsável” (informação disponível no blog do programa). Decidem, então, que uma das palpiteiras deve acompanhar Fátima à casa de Roselene para propor o encaminhamento. Sabrina se disponibiliza, por acreditar que estando ela também acima do peso pode ser a pessoa indicada. A visita é realizada e, além do encaminhamento, Sabrina “ensina” Roselene como vestir-se para disfarçar o peso. As imagens que seguem mostram Roselene sendo recebida pelo psiquiatra, e este explica o tratamento.

A exibição do caso acaba aqui e retorna para mostrar os resultados alcançados após a exibição dos outros casos selecionados. Dessa vez, Roselene aparece bem vestida, maquiada e com os cabelos penteados. Agradece a ajuda das mulheres por “terem mudado sua vida” e diz que “espera que o seu caso possa mudar outras pessoas também”. No blog do programa lemos:

E os problemas foram resolvidos? Roselene está fazendo estágio de enfermagem. Depois de mudar o estilo de vida, passou a frequentar a academia três vezes por semana. Além disso, escolheu o tema ‘transtornos alimentares’ para sua tese de dissertação do curso (Informação disponível no blog do programa).

Na entrevista com as pesquisadoras, Roselene (em entrevista às pesquisadoras, 2009) repete o discurso de gratidão, mas à pergunta sobre se participaria mais uma vez de um *reality show*, ela responde que “não me sinto pronta para expor meus problemas de novo porque até acontecerem as mudanças houve algumas consequências, não se mexe no vespeiro sem ser picado né? As mudanças que o programa de televisão propôs para melhorar minha auto-estima funcionaram mas as consequências foram muito ruins”. Conta que não gostava do assédio nas ruas, que a cercavam até mesmo no metrô, que teve medo das críticas, que de fato aconteceram, e que não tinha entendido como seria a presença das câmeras e da equipe durante todo o dia em sua casa até iniciarem as gravações.

Marta conta que Roselene esteve nos estúdios da TV algumas semanas após sua participação no programa, pedindo ajuda, porque o marido quis separar-se dela e ela precisava de emprego. Contou também que escrevia e-mails e telefonava para a TV com muita frequência e que a produção do programa não estava preparada para isso. Após encerrarem a exibição do caso, não há acompanhamento da personagem, e o único vínculo entre as partes é o contrato que exige exclusividade de imagem para a rede de TV. Somente Sabrina atendia as ligações, por iniciativa própria.

Em entrevista para esta pesquisa, Sabrina conta que João de fato separou-se de Roselene alegando não suportar o assédio e as críticas consequentes da exposição. Roselene, mesmo após meses de sua participação no programa, continua procurando por Sabrina que a escuta e orienta por acreditar que pode ajuda-la. Diz que além da separação, Roselene continua desempregada e engordou novamente.

### **As especialistas**

Como a categoria “especialista” é produzida? Quais são as condições de emergência dessa categoria e como se estabiliza na atualidade? Quais seus efeitos? Por que os especialistas psis são convocados para ocuparem esse lugar de quem pode ensinar a viver, sentir e pensar?

Analisando o que chama de ideologia das competências, Chauí (2006, p. 74) afirma que:

não é qualquer um que pode em qualquer lugar e em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro. O discurso competente determina de antemão quem tem o direito de falar e quem deve ouvir, assim como predetermina os lugares e as circunstâncias em que é permitido falar e ouvir, e, finalmente, define previamente a forma e o conteúdo do que deve ser dito e precisa ser ouvido. Essas distinções têm como fundamento uma distinção principal,

aquele que divide socialmente os detentores de um saber ou de um conhecimento (científico, técnico, religioso, político, artístico), que podem falar e têm o direito de mandar e comandar, e os desprovidos de saber, que devem ouvir e obedecer. Em uma palavra, a ideologia da competência institui a divisão social entre os competentes, que sabem, e os incompetentes, que obedecem. Enquanto discurso do conhecimento essa ideologia opera com a figura do especialista.

Podemos identificar nas falas das especialistas a presença dessa ideologia. Sonia (em entrevista às pesquisadoras, 2009) entende a participação de um especialista como:

impossível não ter porque se não fica uma questão de opinião. Então o programa tem uma preocupação com isso que é uma questão do científico de algo que seja razoável, de algo possível, de um cuidado com o público muito grande nesse sentido de que não se fale qualquer coisa, ou melhor, você pode falar qualquer coisa mas algo tem que ser demarcado como algo importante para a sociedade e daí a idéia do especialista..

Esta fala evidencia o lugar do especialista para a entrevistada e também uma identificação com o cientista, o conhecimento e o público. O outro aparece como uma opinião não fundamentada e que deve ser superada. Deixa claro um conflito entre opinião e ciência. “Você está no lugar do es-

pecialista, está protegido mas você está ali, você também está se expondo. As pessoas estão ali cacarejando, você está só assistindo mas você está ali”, diz Marta (entrevista às pesquisadoras, 2009).

Despret (2011) discute uma divisão de *expertises* na relação do cientista com o sujeito afirmando que o conhecimento sobre quem se fala, (o sujeito) confere poder ao cientista. O sujeito fica no lugar do ignorante e por isso não teria o que dizer sobre ele mesmo. É essa divisão entre quem detém o conhecimento que se evidencia na configuração do programa de televisão. Como numa hierarquia, as especialistas são convocadas pela produção do programa para analisar e orientar seu funcionamento por possuírem um saber que eles não possuem. Esse saber dá acesso aos bastidores, ao que não é revelado nem às palpiteiras nem às personagens e confere, ainda, o poder de decisão. Mesmo quando o que será decidido é como as personagens devem guiar suas vidas, estas não são consultadas, as especialistas sabem mais sobre suas vidas do que elas mesmas.

Num degrau abaixo, as palpiteiras. Estas têm autorização para falar. Foram escolhidas por serem “super mulheres”. Atingiram a exigência contemporânea de serem boas mães, sexualmente bem-resolvidas, profissionais bem-sucedidas e preocupadas com a aparência física. É a presença dessas

mulheres “reais” que garante a identificação do público. Parece ser essa a função das palpiteiras no programa: incluir pessoas na discussão, dar cara de assunto cotidiano. Ser uma “super mulher” permite que elas possam falar, mas essa fala é entendida como um “cacarejo”, uma fala desprovida de conhecimento que precisa ser validada por quem sabe. Não possuem o saber que poderia autorizá-las a entender e orientar o outro.

Sabrina (em entrevista às pesquisadoras, 2009) relata que

A gente era chegar lá e falar sobre o assunto. A gente chegava lá e já estava tudo montado. Elas (especialistas) tinham mais poder do que a gente porque, às vezes, elas se reuniam com o diretor do programa e com a produtora e aí eles faziam o que ia ficar bom. Porque tinha uma preocupação muito correta, vamos lá, politicamente correta, de não agredir e ficar uma coisa legal para quem está assistindo, porque a gente estava oferecendo ajuda. Elas fundamentavam a parada.

No degrau mais baixo estão as personagens. O programa é sobre elas e para elas. Elas são o tema e o objetivo é ajudá-las, mas onde elas estão? Não participam das discussões. Suas participações são limitadas a mostrarem suas vidas para serem analisadas e, em nenhum momento, são convocadas a discutir essas análises, apenas

recebem uma orientação que deve ser seguida. De acordo com Chauí (2006, p. 77):

o poder da comunicação de massa não é igual ou semelhante ao da antiga ideologia burguesa, que realizava uma inculcação de valores e idéias. Dizendo-nos o que devemos pensar, sentir, falar e fazer, afirma que nada sabemos e seu poder se realiza como intimidação social e cultural.

O que é reforçado no programa é este não saber, essa necessidade de ter alguém que possui um conhecimento científico para ensinar como viver.

Segundo a autora, o que torna possível essa intimidação é a “eficácia das operações dos especialistas” (Chauí, 2006, p.77) pois são estes os detentores do saber e, neste caso, o saber específico do especialista psi é como viver, pensar e sentir. O poder e autonomia do profissional psi é assegurado por ter acesso a uma instância psíquica que nenhum outro tem.

Despret (2009) ao discutir a função do segredo na psicoterapia recorre a etimologia da palavra segredo como aquilo que separa. Aqui também podemos pensar no segredo como o que divide as *expertises* no programa. O que separa especialistas e palpiteiras é o estar com a direção do quadro, conhecer as motivações da equipe e mesmo o conhecimento sobre o saber técnico que os outros julgam não possuir.

A etimologia nos oferece um recurso auspicioso ao propor repensar o segredo a partir do termo do qual ele é proveniente: *secretus*, que é a forma no particípio passado de *secernere*: separar. As secreções vêm da mesma raiz e designam não, como eu pensava, o que vem do interior, mas “aquilo que se separa. (DESPRET, 2009, p.12).

Embora para a produção, para as palpiteiras e para as próprias especialistas a presença destas últimas seja o que garanta a eficácia do programa, as personagens não reconheciam esta função. Não mencionaram as especialistas até o momento em que foi perguntado como entendia o papel destas no quadro, ao que Roselene respondeu: “serviu pra direcionar elas né, porque se você for analisar todos os casos tinha um fator psicológico por trás”.

Embora as especialistas afirmem a necessidade de profissionais no programa, chegando mesmo a menosprezar as outras participantes quando as enquadram como “palpiteiras”, ou chamam suas falas de cacarejo, em nenhuma discussão na internet encontramos comentários sobre a relevância das orientações das especialistas. Em geral, o que encontramos foi exatamente a percepção da ausência de função aparente das especialistas, como quando anotamos: “não sei para que essa mulher está lá, é a única que não fala” ou “nem sei quem é a especialista, parece que todas são”. Marta atribui

esse tipo de comentário a uma falha na edição, que dá mais espaço às palpiteiras e deixa de exibir certas intervenções importantes das especialistas.

Parece que mesmo com uma definição de papéis entre as participantes do programa, para o público que assistia não havia essa distinção. O que autorizava essas mulheres a falarem sobre o outro é o fato de estarem na mídia. As palpiteiras foram reconhecidas como especialistas pelos telespectadores. Suas falas ganharam o mesmo poder das falas das especialistas e não foi o reconhecimento de um saber científico que garantiu esse espaço. Foi o fato de terem autorização de falar num programa de grande audiência de uma rede de televisão de grande inserção nos cotidianos das pessoas. Retomando o que Chauí (2006, p. 74) afirmou sobre não ser “qualquer um que pode em qualquer lugar e em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro”, essas mulheres deixaram de ser “qualquer um” no momento que apareceram na televisão.

Os e-mails e comentários no *blog* eram direcionados às palpiteiras e às personagens, raros foram aqueles endereçados às especialistas. Sobre isso, Sonia diz que:

O especialista também é marcado pela não identificação. É muito interessante. Eles se identificam com aquelas pessoas e não com o especialista. O especialista está num lugar do qual você não se identifica. Está

num suposto saber. Você fica neste lugar e sempre é visto pela população neste lugar. É muito interessante. Como você está misturado, você está sentado junto e as pessoas não se identificam. Segundo eles você está absolutamente fora. Realmente isso é verdade. Não é uma maluquice porque realmente você está num lugar, eu lá falava quando eu era requisitada. Eu não ficava basicamente discutindo com elas mesmo que se discutisse né (Sônia, em entrevista às pesquisadoras, 2009).

Controvérsia: se a figura do especialista é tão importante, por que ela não aparece na fala dos telespectadores e nem dos personagens? Se, de fato, a presença do especialista é para o telespectador, por que este procura auxílio num programa de televisão e não diretamente com um especialista? Pensando nos relatos das especialistas parece que essa função no quadro é mais valorizada por elas próprias que pelo público em geral.

Para Marta, uma distinção importante entre especialistas e palpiteiras é que nem ela nem Sonia consideraram a remuneração ao aceitarem o convite, pois “já temos uma profissão, um reconhecimento. Mesmo sendo uma boa quantia não faz diferença no nosso dinheiro. As outras não, viam como trabalho mesmo, precisavam do dinheiro, contavam com o dinheiro”. Ambas enfatizam também o “aspecto social” do programa, uma preocupação em levar orientação e conhecimento

para uma camada da população que não tem acesso à tratamento. Diz Sonia:

Eu acho que é uma possibilidade das pessoas procurarem muito à vontade o que não procuram, por exemplo, num tratamento. Não necessariamente. Eu acho que a população também não tem uma orientação para o tratamento. O tratamento ainda é visto como uma coisa elitizada, ainda mesmo que nós tenhamos alguns lugares que tem um atendimento baixa renda, ainda eu acho que há um preconceito com isso. Mas eu acho que houve intervenções super importantes do que as pessoas viviam e talvez não tenham a quem perguntar né, eu acho que a Liga pegou uma população que tem muito pouca orientação sobre isso né. E que está muito necessitada de orientação. É impressionante como essa população precisa e quer informações com questões que sofrem, e rola né, e essas questões que são as questões do ser humano em geral (Sônia, em entrevista às pesquisadoras, 2009).

Sobre essa preocupação com o social Sabrina diz que “Pra gente eu ficava ali no sofá vermelho não tinha essa coisa de questão social não. Nem para elas (personagens) tinha não. Elas queriam saber de estar na televisão, vão me ajudar, me dar roupa nova, vão tirar foto comigo...” Apesar de afirmar a relevância do programa para auxiliar tanto as personagens quanto os telespectadores, Sabrina não acredita que esse foi o motivo de tanta procura pelo programa. Em entrevista lembra que:

O primeiro reality que teve no [naquela rede de TV] teve um desdobramento fantástico para aquela família. A primeira coisa que eles fizeram foi comercial da Caixa Econômica e antes desse comercial a mulher do casal pirou porque ela achou que ia virar celebrity e não virou e ela já era meio maluquinha. Ai veio o comercial ficou feliz da vida e tal. Ai depois a filha fez comercial de tênis e chamaram de novo para Caixa Econômica. E eles que estavam sem grana pagaram a casa e compraram uma outra casa (Sabrina, em entrevista às pesquisadoras, 2009).

Ainda sobre a participação das especialistas, Marta (em entrevista às pesquisadoras, 2009) lembra que: “o mercado amplia quando você é visto, mesmo já sendo bastante reconhecida. Sempre lidei com isso de estar na televisão, dar entrevistas... Tenho minha assessoria de imprensa”. Marta também atribui a essa possibilidade de ser visto a grande procura pelo programa.

Outro ponto destacado por Marta como uma distinção entre palpiteiras e especialistas foi o fato de as especialistas não receberem orientações da produção. Elas representavam a si mesmas no papel de profissionais. A intimidade das especialistas não era debatida no programa de televisão. Suas falas não eram censuradas e nem recebiam instruções de como agir. “Eu não era personagem não! Mas as meninas sim. Elas tinham ponto, eram dirigidas, olha está falando demais, a gente não” (Marta, em

entrevista às pesquisadoras, 2009). As especialistas foram reconhecidas por possuírem um saber específico, isso lhes conferia o poder de falar sobre o outro. As palpiteiras foram produzidas como especialistas pela Rede Globo de Televisão. O conhecimento sobre quem “funcionaria” no programa, o que deveria ser destacado em cada palpiteira e qual perfil atrairia mais o público permitiu essa produção.

Sabrina conta que até mesmo a maneira como se vestiam era questionada. Ela, por exemplo, foi orientada a utilizar menos colares coloridos e maquiagem. Outros direcionamentos como corrigir a forma como estavam sentadas ou se estavam rindo em demasia, sendo muito críticas ou condescendentes. Nas palavras de Marta: “reality show também tem script, isso só não é dito né” [Marta, em entrevista às pesquisadoras, 2009].

O mesmo não acontecia com as especialistas. Elas se limitavam a observar sem participar das discussões. Falavam apenas quando solicitadas. Sonia diz que atuavam como no consultório com a diferença de estarem sendo expostas.

O especialista também tinha um saber sobre a função do programa que não era compartilhado com as outras mulheres. Diz Marta que: “Rolava uma histeria coletiva. As personagens achavam que abria uma porta, as moças, as palpiteiras, todas chora-

vam, acreditavam que estavam transformando a vida das pessoas (Marta em entrevista às pesquisadoras, 2009).” As especialistas sabiam que era uma forma de divulgar o trabalho, não acreditavam em mudanças significativas e entendiam a escolha por aquilo que dava maior audiência.

Eu particularmente acho que por se tratar de reality show, dessa coisa de mostrar a miséria humana e todo o universo psíquico tem que ser decodificado tem que ser bem mastigado, é uma coisa que chama muita atenção e que desperta curiosidade. Esse saber psi misturado com questões de orçamento e de tempo acabou sendo privilegiado porque há alguma coisa desse material que eles não sabiam avaliar e objetivamente como tempo é dinheiro não dá para não render (Marta em entrevista às pesquisadoras, 2009).

Marta esclarece que render seria as personagens acatarem as intervenções e mostrar que estas resolveram os problemas para os quais pediram auxílio.

Sobre os resultados, Carmem diz que:

eles não mudaram minha vida, só nos orientaram sim mas a maneira que colocam, editam, parece que tudo segue um cronograma: Madrasta e adolescente vivem mal, estão melhorando e estão como mãe e filha. Quando escrevi disse exatamente assim. Tenho um relacionamento de 10 anos e a dois meses a filha de meu marido veio morar conosco. As vezes não sei como

agir, pois não sou mãe ainda ela é boazinha e as vezes não conversa A maneira que colocaram parecia que nunca havíamos nos dado bem. Pelo contrario. Estou com o pai dela desde que ela tinha 2 anos, e o que eu falar esta falado, mas eu tenho uma certa dificuldade em me expressar e ela de falar. Depois, quando o programa estava tomando o rumo final, mostrou eu e meu esposo saindo como se fosse a primeira vez. Ele é daquele jeitinho, só que com mais palavrões.

Não foi pq a TV veio na minha casa que somos uma família perfeita, não mudamos porque vieram aqui e sim pq precisavamos e ainda precisamos melhorar. (Carmem, em entrevista às pesquisadoras, 2009).

Considerações finais: não se mexe no vespeiro sem ser picado

O caso de Roselene nos leva a concordar com Bruno (2004, 2008, 2009) e Sibília (2003, 2004, 2008) quando afirmam que os dispositivos de tecnologia e informação são vetores de subjetivação. Isto é, produzem, mais do que revelam, a intimidade. Trata-se assim de uma intimidade que se constitui através da exposição proporcionada pelo aparato tecnológico. O segredo de Roselene, sua bulimia, fez-se segredo na medida em que foi exposto, colocado em cena, tendo sido submetido à escrutínio por um psiquiatra, especialista em transtornos alimentares. Outro ponto que nos parece re-

levante é que, uma vez terminada a exibição do programa de televisão, as mulheres especialistas e não especialistas não mais deveriam se relacionar com as personagens, ainda que seus problemas persistissem ou até mesmo tivessem se amplificado. É que, como salienta Latour (2008) o dispositivo que ligava os actantes havia se desfeito: o contrato não previa nenhum acompanhamento das personagens após o fim do programa e se isso ocorreu, foi num espaço fora do dispositivo.

No que toca as *expertises*, o programa de televisão discutido neste artigo abre uma série de questões. A composição, sem dúvida, estabelece distinções quando distribui às mulheres (personagens, palpiteiras e especialistas) de modo assimétrico os pontos de escuta, as remunerações, o poder de ligar ou desligar as câmeras, as orientações da produção, entre outras ações. As personagens são alvos das intervenções: recebem as orientações, mas delas não participam, ou pelo menos não participam de modo a serem elas também tomadas como *expertises* dos seus impasses.

O fato de que o discurso psi marcas-se também as falas e intervenções das palpiteiras corrobora algumas das afirmações de Ferreira e outros (2011). Para estes autores, é problemático ignorar que, diante de um aparato de interpelação formado por profissionais psi, os sujeitos apresentem modos de subjetivação psicologizados. Dito com

outras palavras, o saber psi engendra certos modos de subjetivar que se imiscuem mesmo nos dispositivos ordenados de modo a separar assimetricamente quem possui a *expertise* e quem não a possui. Num dispositivo montado para promover intervenções psi, tais modos de subjetivar se fazem presentes também naqueles que são supostos como não *experts*, como ingênuos. É justamente por isso que Ferreira e outros (2011) criticam duramente a suposição de que exista um sujeito ingênuo, apto a ser alvo de intervenções psi.

Desse modo, ainda que o programa de televisão por nós analisado tenha sido montado de modo a lidar assimetricamente com as *expertises* psi, elas atravessam o dispositivo e produzem modos de subjetivar que ativam a todos que dele fazem parte. É que não se mexe num vespeiro sem se picar.

## Notas

<sup>1</sup> Página da internet com espaço para interação com o público através de textos e comentários.

<sup>2</sup> *Actante* é o termo utilizado por Bruno Latour (2000) para indicar que coisas, pessoas, instituições agem e produzem efeitos no mundo. Na perspectiva do autor, o uso deste termo tem a relevância de marcar que a capacidade de agir não é um atributo apenas dos humanos, mas antes, está distribuída entre humanos e não humanos.

Em última instância, um *actante* se define pela sua capacidade de agir.

<sup>3</sup> Despret (2011) define dispositivo de pesquisa como um arranjo que reúne elementos heterogêneos, sejam eles humanos ou não humanos. Neste texto lançamos mão desta definição para tratar da televisão como dispositivo, isto é, um arranjo que reúne coisas e pessoas e que produz efeitos no mundo.

<sup>4</sup> Não divulgaremos o nome do programa de televisão a fim de garantir o anonimato das pessoas entrevistadas para esta pesquisa. Pelo mesmo motivo, o endereço do *blog* não está explicitado neste texto.

<sup>5</sup> Três entrevistas foram realizadas no local de trabalho das entrevistadas e duas foram realizadas através de programas de computador que permitem a comunicação em tempo real. Foram trocados todos os nomes dos entrevistados e dos participantes do programa de TV a fim de garantir-lhes o anonimato. As pessoas entrevistadas assinaram termo de consentimento livre e esclarecido concedendo às pesquisadoras o direito de divulgar os achados da pesquisa. Desse modo, a investigação foi realizada seguindo as normas éticas de pesquisa com seres humanos.

<sup>6</sup> Chamada para o programa de televisão, tal como consta no *blog* da atração.

<sup>7</sup> Mesmo entendendo que todas são personagens por se tratar de um programa televisivo optamos por manter a categoria

utilizada pelas participantes entendendo que esta marca distinções entre elas.

<sup>8</sup> Por medicalização da vida entendemos o movimento de expansão do saber médico para diversos aspectos da vida, atribuindo diagnósticos e tratamentos aos sentimentos e comportamentos das pessoas.

## Referências

- Bruno, F. (2004). Máquinas de Ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. *Revista FAMECOS*, 1 (24), 110-124.
- Bruno, F. (2008). Tecnologias de informação e subjetividade contemporânea. *ComCiência*, 96. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=33&id=384>, acesso em 12-09-2012.
- Bruno, F. (2009). Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cibercultura. *E-Compós*, 12 (2), 1-16.
- Chauí, M. (2006). *Simulacro e Poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Pensar Abramo.
- Despret, V. (2009). Dossiê Despret. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23 (1), 5-82.
- Ferreira, A. A. L. et al. (2011). A Psicologia como um dispositivo de produção de subjetividades: um percurso pelos

- métodos quantitativos. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6 (2), 223-233.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp.
- Latour, B. (2008). *Reensamblar lo Social: uma introdución a la teoria actor-red*, Buenos Aires, Ediciones Manatíal.
- Moraes, M. (1997). Estudo das Técnicas na Perspectiva das Redes de Atores. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. Niterói, 2 e 3, 60-67,.
- Moraes, M., Silva, C. M. (2006). Tecnologia e subjetividade: intimidade mediada por computadores. *Psicologia em Revista*, 12 (19), 44-53.
- Sibilia, P. (2003). Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. In: A. Lemos, e Cunha, P. (orgs.) *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 139-152.
- Sibilia, P. (2004). *O Show do Eu: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet*. Trabalho apresentado em exame de qualificação, Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, não publicado.
- Sibilia, P. (2008). *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Comunicação.
- 
- Cristiane Moreira da Silva:** Graduada em Psicologia, Mestre e Doutora em Psicologia pela UFF, professora da Universidade Católica de Petrópolis. Financiamento de pesquisa: Cnpq, Faperj  
**E-mail:** [cristianemoreirapsi@hotmail.com](mailto:cristianemoreirapsi@hotmail.com)
- Marcia Moraes:** Professora Associada no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, com atuação na graduação e na pós-graduação em Psicologia. Doutora em Psicologia pela PUC/SP. Financiamento de pesquisa: Cnpq, Faperj  
**E-mail:** [marciamoraes@id.uff.br](mailto:marciamoraes@id.uff.br)
- 

Recebido em: 23/07/2013 – Aceito em: 11/12/2013

---